

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

## **CICLO DE CONFERÊNCIAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO. ALFOZ DAS LETRAS E DA HISTÓRIA VIMARANENSES.**

PINA, Luís de

Ano: 1953 | Número: 63

---

### **Como citar este documento:**

PINA, Luís de, Ciclo de Conferências Públicas na Sociedade Martins Sarmiento. Alfoz das Letras e da História Vimaraneses. *Revista de Guimarães*, 63 (3-4) Jul.-Dez. 1953, p. 500-547.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

jada batalha, que foi o primeiro grande passo para a conquista da independência desta Nação.

Tem o concelho de Guimarães, além desta suprema glória, outras tradições muito honrosas. — E, entre essas, merece ser assinalado o facto que hoje viemos aqui comemorar: a assinatura no local que há pouco pisamos, em Tágilde, do primeiro tratado de aliança e amizade celebrado entre Portugal e a Inglaterra no séc. XIV.

Como tem sido notado, nunca, na história do Mundo, um tratado de aliança teve tão longa duração.

E para Portugal é esse facto motivo de legítimo orgulho, não só por aquela circunstância, mas pela honra de ser aliado duma nação que tem sido criadora e orientadora de outras nações, que criou o mais vasto império do mundo, e que pela sua civilização e cultura tem sido sempre modelo de povos.

A nação portuguesa tem procurado, através da história, honrar também o seu nome.

Percorreu mares desconhecidos; descobriu novas terras; cristianizou e civilizou povos; e também criou um vasto império.

Criou uma nova e grande Nação, que é o Brasil.

A grande Inglaterra nunca teve motivos para se arrependar da aliança connosco; e tanto que, no decurso de 6 séculos não denunciou os tratados.

Sr. Cônsul Geral de Inglaterra:

Eu quero saudar na pessoa de V. Ex.<sup>a</sup> a grande nação aliada e amiga, e quero também saudar a Família Real Inglesa, e sobretudo a sua jóvem e graciosa Rainha, há pouco coroada, e a quem o povo português deseja um felicíssimo reinado.

---

## Segunda Conferência

Pelo SR. PROF. DOUTOR LUÍS DE PINA

---

Presidiu o Sr. Presidente da Sociedade Martins Sarmiento, Coronel Mário Cardozo, ladeado pelos Srs. Alberto Vieira Braga e Dr. Augusto Cunha, Presidente da Câmara Municipal.

Antes de o ilustre Conferencista dar início à leitura do seu trabalho, foram pelo Presidente da Sociedade pronunciadas as seguintes palavras:

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Integrada nas Comemorações do Centenário da Cidade e do Milenário da sua existência histórica, promoveu a Sociedade Martins Sarmiento, em colaboração com a Câmara Municipal, a realização de um ciclo de Conferências, que durante o corrente ano têm lugar nesta Colectividade, e cujos temas estão intimamente ligados à vida intelectual, política e económica da nossa terra.

Deu-nos hoje a honra de continuar esta série o Sr. Professor Doutor Luís de Pina. Vai falar-nos de *Escritores Vimaranenses* e das belas tradições culturais, tão acentuadamente marcadas entre nós, no decorrer de séculos até os tempos actuais.

Desnecessário se torna encarecer o interesse desta Conferência que vamos ter o prazer espiritual de escutar. O seu êxito está de ante-mão assegurado pela alta capacidade do Sr. Prof. Luís de Pina, que nos vai dar uma síntese das obras verdadeiramente notáveis de tantos Homens ilustres consagrados às Letras e às Ciências, que a nossa terra tem visto nascer — poetas de inspirado estro, prosadores de vigorosa personalidade, investigadores de elevada categoria. Basta citar, entre os Poetas consagrados, o nome glorioso de GIL VICENTE, no século XVI, o de MANUEL TOMAZ, no século XVII, e nos tempos actuais lembrar ao acaso GUILHERME DE FARIA, ARNALDO PEREIRA, BRÁULIO CALDAS e tantos outros; Juristas notabilíssimos, como esse doutor MANUEL BARBOSA, na segunda metade do século XVI, seu filho AGOSTINHO BARBOSA, no século imediato, e nos tempos modernos BENTO CARDOSO e AVELINO GUIMARÃES; Prosadores como JOÃO DE MEIRA, ABEL SALAZAR, ALFREDO PIMENTA; Musicólogos como FREI DOMINGOS DE S. JOSÉ VARELA e MOREIRA DE SÁ; Investigadores como SARMENTO, ALBERTO SAMPAIO, ABADE DE TAGILDE, ÁLVARO BASTO e ROBERTO DE CARVALHO. E tantos outros nomes insignes, em todos os campos da inteligência e do saber humano, para recordarmos apenas alguns de aqueles que a morte já ceifou, mas que vivem e perduram nas obras notáveis que legaram à posteridade.

É das praxes académicas da Sociedade Martins Sarmiento o seu representante fazer a apresentação dos Conferencistas que se dignam honrar a cátedra desta sala nobre. No caso presente sinto-me naturalmente dispensado de o fazer. O Senhor Prof. Luís de Pina é bem conhecido em todo o país, e ninguém nesta terra ignora o seu nome e a sua obra literária e científica. De mais, ele só não é vimaranense pela circuns-

tância ocasional e fortuita de ter nascido em Lisboa. Mas é vimaranense pelo sangue, pelo espírito e pelo entranhado amor que, desde a sua juventude, sempre consagrou a Guimarães. Muito lhe deve a nossa terra, e por isso as palavras que ora me aprás dedicar aos seus reconhecidos méritos são de simples gratidão, como vimaranense e como presidente da Direcção desta Casa, e nunca de apresentação a um auditorio que muito bem conhece e devidamente aprecia o seu talento. Permita-me porém a modéstia de V. Ex.<sup>cia</sup> que eu exalte aqui, em palavras tão breves e singelas como sentidas e sinceras, algumas das brilhantíssimas facetas da sua actividade intelectual.

Podemos dizer, meus Senhores, que a ascensão do nome do Professor Luís de Pina foi rápida e fulgurante. Terminada em 1927 a sua formatura em Medicina na Universidade do Porto, logo no mesmo ano foi nomeado assistente do Instituto de Anatomia da Faculdade. E tão destacada e relevante se manifestou a sua actuação nesse Instituto que dentro em breve lhe era concedida pela Junta Nacional de Educação uma bolsa de estudo no estrangeiro, permanecendo então, durante uma larga temporada em França, Polónia e Itália, onde trabalhou com Mestres eminentes em diversas Universidades. Nessa primeira viagem de estudo mereceram-lhe particular atenção as investigações no campo da Antropologia. Em 1933 era nomeado, por concurso, Professor da Faculdade de Medicina do Porto, destacando-se logo nas magistrais lições de História da Medicina, que proferiu. Desde então a sua actividade como Professor não conheceu limites: quer em trabalhos de Antropologia criminal, quer de Medicina legal, de Psicologia judiciária, de História das Ciências, revelou-se um espírito brilhante, culto e erudito, criador de escola, perfeitamente possuído do poder didáctico, insinuante e comunicativo para os seus discípulos.

Mas nem só as ciências médicas prenderam as suas altas faculdades de investigador e de mestre. Também no campo da Etnografia, do Folclore, da Arqueologia, da Literatura e da História da Arte ele se revelou, paralelamente, um estudioso de rara sensibilidade e de indiscutível competência.

Apesar de tão prodigiosa actividade, ainda lhe restou tempo para desempenhar o espinhoso e canseroso cargo de vereador, e mais tarde presidente do Município portuense, onde a sua acção administrativa se tornou notável. Em 1938 foi também eleito deputado à Assembleia Nacional e reeleito em 1942, prestando então assinalados serviços ao Ensino, à Cultura, à Medicina social, etc.

A sua bibliografia é vastíssima, sobre os mais variados aspectos da Cultura.

Eis, meus Senhores, um instantâneo, ou antes, um mau retrato do Prof. Luís de Pina. Não devo, porém, demorar mais a hora de o ouvirmos. É tempo de conceder-lhe a palavra, e por isso dou por findas estas singelas considerações, que sem pretenderem constituir, repito, uma apresentação, a qual se tornaria aqui inútil, quiseram todavia traçar um perfil, embora insuficiente, como reconheço, de tão vincada e nobre

figura da Ciência e das Letras nacionais, cuja presença nesta Casa é para nós motivo de intenso júbilo e de perene gratidão. Tem a palavra o Sr. Prof. Luís de Pina.

Após este breve discurso, o Sr. Prof. Doutor Luís de Pina deu começo à sua Conferência:

### Alfoz das Letras e da História Vimaranenses

Ressoam por e nestas soleníssimas paredes muitas estranhas e queridas vozes há muito extintas. Entre elas se movimentam as ressuscitadas figuras de tantos que levantaram esses muros, que rechearam essas estantes, que aviventaram todos esses escaparates onde se estadeiam restos de algumas civilizações que existiram por estas terras de povos-avós, de nossos avós, avós de avós por gerações milenárias, que só aos raros é dado conhecer, compreender e auscultar.

Vozes e figuras deslizam e reboam sob os tectos desta nobre e ilustre casa, num redemoinho de fantasmas que só não impressionará quem nunca as tivesse ouvido e visto, com ouvidos e olhos de espírito vigil e grato.

Vigil e grato é hoje o meu, nada menos o de quem, moço ainda, dessas personagens e dessas vozes se habituou a colher decisivas lições de vida, de amor à cultura, de apaixonada ternura por aqueles mesmos objectos que foram, afinal, a impressionante finalidade do labor dos ilustres vimaranenses que à sua velha terra deram aquele mais e melhor que todos nós, os Portugueses de hoje, queremos dar à nossa Pátria, sobre o já muito e bom do nobilíssimo e velhíssimo Senhor Dom Portugal.



Prof. Doutor Luís de Pina  
Da Fac. de Medicina da Universidade do Porto

Por aqui bateu e ensaiou suas tão frágeis pequenas asas, um dia, este cinquentenário que, não sei porquê, quiseram que vos viesse hoje falar desses que ilustraram o bem curioso alfoz da História e das Letras de Guimarães.

O rapaz de ontem, esse que sob estes muros e gasalhosos tectos, vai para mais de 30 anos, queria *saber ver* os objectos de seus museus e as laudas dos livros de suas prateleiras— desde a Pedra Formosa e os machados neolíticos, aos inéditos de Sarmento e aos pergaminhos da Colegiada; esse que *queria saber ver* tanta opulência expressiva, guiado pela mão-mestra de um Eduardo de Almeida, de um Alberto Braga e de um João Lopes de Faria— um já com Deus, os outros queridamente vivos; esse que tão ruim discípulo lhes safu, esse terá hoje de falar também deles, como figuras e vozes singulares do alfoz cultural vimaranense.

Esse falará deles, desses seus inolvidáveis mestres que estão sempre revivos ao seu lado (perdoará, Senhor Doutor; perdoe-me você, Alberto), grandes na lição e não menores na amizade, amizade airosa e solerte a espreitar-nos, com a graça de Deus, o heróico e duro ânimo de viver útilmente a vida.

Esse moço que por estas salas aprendeu as primeiras letras das Letras e as primeiras histórias da História, esse vos dirá— em voz a que o tom de mais de 30 anos já mal aquece e lustra, esse vos dirá alguma coisa dos vossos Maiores todos, desses que foram, entre tantos soldados das Ciências do Espírito, seus marechais e seus generalíssimos, gloriosos e imperecíveis.

\*

Respeitabilíssimo Senhor Doutor Eduardo de Almeida; queridíssimo Alberto Vieira Braga, meus bons mestres e guias: perdoai ao vosso sempre escolar que sou a lição que não pude nunca aprender.

Ninguém ralhará aos mestres, de boa cepa e excelente condição: o discípulo é que Vos merecerá, de todos, ao fim deste singelo colóquio com eles e convosco, a justa palmatoada que consciente e reverentemente aguarda.

De tantos salões e anfiteatros em que, por má-gica traição de fados estranhos e inesperados, tenho tido ensejo de falar, nenhum tecto pesa mais sobre mim do que o deste em que nos encontramos hoje, por mal pecado vosso e meu.

É que, à responsabilidade da tarefa — o que já não era somenos — aliança-se a qualidade invulgar dos ouvintes e inquieta-me atterradoramente a presença desse outro mudo, impassível e arguto assistente de mim próprio, a Consciência; Consciência do que fui e do que sou, nada ontem, hoje nada, e nada jamais, severíssima Consciência a lembrar-me que estas paredes, este tecto, esta atmosfera e este ambiente só podem e devem ouvir e sentir vozes altas e majestosas como as daqueles que foram um Sarmiento ou Alberto Sampaio, um Abade de Tãgilde, um Alfredo Pimenta ou um João de Meira — apenas recorro mortos, mortos sempre vivos! — enormemente vivos, fantasmas de sempre, que Alberto Braga e Mário Cardozo arrolaram com carinhoso enleio, em trabalho recentíssimo.

Fantasmas de majestosos e imperecíveis Mes-tres desta Casa que é produtiva Universidade livre, em que pela primeira vez, há 30 anos, comecei a conquistar alguns dos meus mais honrosos e queridos Graus académicos, a estudar para uma Licenciatura que jamais considero pronta, nem tampouco vencida e transposta.

#### Minhas Senhoras e meus Senhores:

Um moço médico de Guimarães dizia estas palavras, na sua notável tese de licenciatura *O Concelho de Guimarães (Estudo de Demographia e Nosographia)*, vai para quase meio século (Porto, 1907), referindo-se ao homem de Guimarães, na pág. 172:

« *Antropológicamente, o homem é a velha raça de Cro-Magnon com enxertia céltica e enxertia germânica. Não se distingue pelo brilho intelectual* »

E assim continuava João de Meira, esse duro e irreverente médico, há 46 anos:

« *Em toda a história vimaranense raros homens luzem com cerebrações superiormente organizadas.* »

*Os poetas são insulsos; os sábios, de uma ciência muito duvidosa. Quando produzem uma epopeia, é a Insulana. Quem a leu?*

*Quando organizam história, são as Memórias ressuscitadas. Quem as acredita? Quando concebem um invento, é o Engenhoso. Quem o conhece?»*

O jovem médico, tão severo para os seus compatriotas intelectuais, poderia, então, cimentar de alguma razão o seu sarcástico, quanto pessimista conceito.

Prouve a Deus, porém, que ao tempo em que tal escrevera, começasse a abrir-se a ante-manhã gloriosa de uma notável era de grandes vimaranenses, a que ele mesmo haverá hoje de ser brilhantemente alçado.

Na verdade, onde e ao mesmo tempo, em Portugal de lés-a-lés, se topa grupo literário e histórico como esse vimaranense de Eduardo de Almeida, de Alberto Braga, de Guilherme de Faria, de Alfredo Guimarães ou de um Martins Sarmento, de um Abade de Tãgilde, de um João de Meira, de um Alberto Sampaio ou de um Alfredo Pimenta?

O próprio João de Meira, se escrevera no mesmo dia em que eu vos falo, já não subscreveria aquelas palavras; pelo menos, acrescentar-lhes-ia as que merecem, justissimamente, todos esses que já não pôde ver brilhar no auge do fastígio.

Corridos 43 anos, Alfredo Pimenta alude àquele comentário de João de Meira e tenta suavizar-lhe as arestas (1). Consegue-o, em alguns pontos. Todavia, não pretende nenhum crítico literário ou histórico das figuras vimaranenses afirmar que entre elas se avantajaram paralelas de um Camões, de um Herculano, de um Camilo, de um Eça, de um Eugénio de Castro ou de um Fernando Pessoa.

Pimenta chama ao dito de Meira arrebique literário, quando não paradoxo mórbido. Não vou tão longe, nem tão profundo como esse outro ilustríssimo filho de Guimarães. Por certo que não podemos afirmar que Meira chamasse estúpido ao homem

(1) *Guimarães*. 1940, Porto.

vimaranense:—o que ele disse foi que se « não distingue pelo brilho intelectual ». E até admite que houve conterrâneos seus que luzem como cerebrações superiormente organizadas!

Claro que nem podia ser de outra forma. Todavia, aceitemos como muito judiciosas as palavras de Pimenta, ao dizer:

*« o brilho intelectual tanto se pode manifestar nos graduados universitários, como nas elites activas. Um comerciante que triunfa, um industrial que vence, um homem de negócios que marca não são desprovidos de brilho intelectual. Se nós formos a julgar a mentalidade de regiões restritas como Guimarães, bem poucas serão as que possam apresentar maior número do que os raros que, em Guimarães, luzem como cerebrações superiormente organizadas. »* (1)

É o próprio Alfredo Pimenta a indicar como fora do comum os poetas trovadores do termo de Guimarães — os Gomes, de Briteiros; a apontar o pretenso vimaranense e europeu que foi Gil Vicente; a registar outros que foram posteriores a Meira, como Guilherme de Faria.

A história da cultura vimaranense não é vulgar, todavia (2). Todos sabem que a primeira Biblioteca latina em território que havia de ser português — de que resta sumário catálogo em documento de Mumdona, é a do mosteiro da gloriosa e veneranda fundadora de Guimarães. Um D. Prior da Colegiada pedira a D. Dinis, com outros Prelados portugueses, a instituição da primeira universidade portuguesa; entre as grandes figuras de D. Priores dessa mesma colegiada brilham nomes como o de Pedro Hispano ou Pedro Julião, que foi Papa João XXI, filósofo, psicólogo e médico de categoria invulgar.

No Mosteiro da Costa houve, pela primeira vez no Norte do País, a primeira Faculdade de Filosofia

---

(1) In *Guimarães*. Ob. cit. pág. 56.

(2) Vide conspecto elucidativo em *Guimarães*, de Alfredo Pimenta, cit., § 6.º, pág. 41 e seg.

e Teologia, fora de Coimbra, com seus graus académicos e sua característica pontifícia.

E, rodados tantos anos, eis aqui a Sociedade Martins Sarmento, não menos digna do nome de Escola, que sustenta nobremente uma das mais notáveis revistas de Portugal, a *Revista de Guimarães*, outro verdadeiro castelo da cidade, que é o da sua Cultura.

Estas, algumas das instituições em que se cultivaram ou ainda arroteiam as ciências do Espírito.

E quanto aos cabouqueiros e operários das Letras e da História?

Quem sumarie o movimento cultural vimaranense, impressionar-se-á com a opulenta messe do século XIX, perante a débil comparticipação nos séculos anteriores ao XV. Deste, nenhum facto a apontar. Apenas, luzindo entre os trovadores do cancioneiro, esses poetas-cantores que foram os Gomes, de Briteiros. Reza, porém, a história (a merecer estudo ponderado) que no lugar dos Couros nascera o mais antigo trovador português, que se chamava Manuel Gonçalves, sepultado no mosteiro de Pombeiro, destes termos vimaranenses. Lá está a lápida, no largo do Trovador, creio eu, a ressurgir perenemente o facto que, a ser verdadeiro, enche de luz a história literário-artística de Guimarães.

É só no Renascimento que surge uma das mais fulgurantes e espantosas figuras portuguesas, a de Mestre Gil Vicente, ourives-poeta, que a tradição regista teimosamente como vimaranense.

Aí há críticos que não aceitam esta teoria, de modo especial os que pretendem argumentar com ausências de relações entre o tipo de linguagem e o conteúdo geográfico preferido na obra do imortal criador do Teatro Português.

O Prof. Augusto Pires de Lima é desta corrente. Por isso comenta: «*sendo Gil Vicente natural de Guimarães, cedo sairia de lá para alguma localidade da Beira, provincia que tantas vezes serve de campo à acção dos autos*» (1).

---

(1) In *Auto da alma*, 6.<sup>a</sup> ed. 1952. Porto. Pág. 7.

Lembra o erudito Mestre os trabalhos de Bell, de Carolina Michaëlis, Braancamp, de Leite de Vasconcelos e outros, que nos não compete agora comentar.

O certo é que aquele grande mestre não rejeita com absoluta argumentação a naturalidade vimaranense de Mestre Gil. E também certo é que não pode negar-se a alguém determinado berço somente porque esse alguém não fala dele nas suas obras.

Nascer-se em um lugar e viver-se noutra, é fenómeno corrente. Mestre Gil viveu a Beira e na Beira: isso não refuta que visse a luz do seu primeiro dia nesta terra de Guimarães.

Com razão escreve Alfredo Pimenta: « *pendo para a informação de D. António de Lima, por ser quase contemporânea, e de quem viveu nas relações da família de Gil Vicente. E bem se pode pois continuar a ter como vimaranense o famoso poeta dos Autos* » (1).

Seja como for, o fundo espírito religioso de Gil Vicente palpita e pulsa veemente em toda a sua obra, de par com ardente patriotismo.

Assim, à Índia se refere no *Auto da Índia*:

como evangelio es esto  
que la Índia hizo Dios

.....  
Por gozar esta alegria  
la hizo Dios descobrir (2)

Com que orgulhoso tom de ultra-nacionalismo não diz Mestre Gil por boca de certa personagem, ao deus Apolo, que dá título à tragi-comédia:

Eu não vos hei-de adorar  
Porque Deus é português (3).

Perdoai se também exagero: mas estes versos são bem o reflexo do amor cristão de uma grande alma vimaranense!

(1) Alfredo Pimenta. *Guimarães*, ob. cit.

(2) *Obras de Gil Vicente*. Ed. de 1852. III. 30.

(3) *Id.*, II, 388.

Não cita em especial Guimarães o nosso Mestre Gil. Uma vez apenas, na *Exortação da Guerra*, ao pôr títulos de D. Gemes ou Jaime.

Todavia, será a Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães que ele evoca na citada farça?

eu fui-me de madrugada  
a Nossa Senhora da Oliveira ... (1)

É possível que esta Santa não seja a vimaranense. Mas é invulgar e expressivo o ter-se lembrado da deste título, entre tantas invocações da Mãe de Deus!

O Minho ele o cita poucas vezes. Mas uma delas não deixa de ser curiosa:

Os de Óbidos e Santarém  
se aqui pedirem pousada  
deem-lhes tanta pancada  
como de maus vinhos tem.  
Homens de Entre Douro e Minho  
não lhe darão pão nem vinho (2).

Parece que Mestre Gil alude a Ribadávia espanhola quando verseja:

E quem de riba d'Avia for  
fazê-lhe por meu amor  
como se fosse vizinho (3).

E deixemos agora Gil Vicente, para recordar um dos tais brilhantes homens de Guimarães, o jurista Dr. Manuel Barbosa, nascido em 1546, pai de outro notável homem de leis vimaranense, Agostinho Barbosa. Manuel foi, no Porto, excelente legalista e Procurador da Fazenda Nacional ao tempo de D. Sebastião. A Agostinho Barbosa, seu filho, Barbosa Machado aureola-o de justa fama:

« Juízo penetrante, memória tenacíssima, compreensão prodigiosa, e engenho admirável. »

(1) Gil Vicente. *Obras*, cit. III, 40.

(2) Id., III, 375.

(3) Id., Id., Id.

Aos quinze anos compôs Manuel Barbosa um douto vocabulário português-latino, e toda a sua vida foi solicitado para altíssimos cargos nas cortes italianas. Abstinente, probo, modestíssimo, não trocou por tais honras o contínuo estudo.

Por fim foi eleito Bispo de Ugento, sufragâneo do Arcebispado de Otranto, na Itália. Foi seu irmão Simão Vaz Barbosa, Cónego da Colegiada, quem compôs o epitáfio do ilustre humanista.

Barbosa Machado enumera a vastidão do número de suas obras, de variada índole (jurídica, teológica, etc.), impressas no estrangeiro.

Manuel Barbosa morreu em 1639, com 93 anos, na sua quinta de Aldão. Foi sepultado no convento de S. Domingos de Guimarães.

*Apparatus historicus* é o nome da importante obra do Padre José Pereira, que viveu meia vida no século XVII, a outra meia no imediato.

Genealogista de valor foi Manuel Ferreira de Eça, nascido em 1661, com seus volumes das *Famílias ilustres de Portugal* (1).

Frei António de Sena, falecido em 1584, dominicano, teólogo, Reitor dos Estudos conventuais de Lovaina, conceituado tratadista de S. Tomás de Aquino, deixou muitas obras sobre os fastos da sua Ordem, como *Vitae Sanctorum Patrum, Chronicum Fratrum Ordinis Praedicatorum*, etc.. Barbosa Machado aponta-lhe uma História de Portugal, inédita.

Do centénio é o linhagista da *Nobiliarchia Portuguesa*, Vilas-Boas Sampaio, vimaranense, parece que de Fareja, termo de Guimarães.

Excelente mestre médico em Coimbra foi Baltazar de Azevedo, cujas obras são arroladas por Barbosa Machado, embora manuscritas (2).

(1) A esta família pertenceu António Joaquim Ferreira de Eça e Leiva, autor de uma monografia inédita sobre Guimarães, de que dei notícia em *O Instituto*, vol. 100.º, 1942, Coimbra. O estudo de Eça e Leiva data de 1843.

(2) Vid. *Um friso de Vimaraneses ilustres*, de Francisco Martins, 1936. Guimarães.

No discutido século xvii mais duas figuras curiosas de vimaranenses: — Mauuel Tomás e Frei Rafael de Jesus.

Manuel Tomás, filho do médico Luís de Medeiros, era primo de Agostinho Barbosa, que acabei de evocar.

Foi curioso poeta, que cantou S. Tomás de Aquino e deixou dois poemas, a *Insulana* e o *Fénix da Lusitania*, diversamente cotados, quando não puramente esquecidos. Direi duas palavras sobre eles, depois de lembrar que o nosso Manuel Tomás era tetraneto do célebre Menino de Évora, que aos 22 meses de idade já falava latim. Na *Miscelânea*, lá diz o Garcia de Rezende:

Em Évora vi um menino  
que a dois anos não chegava  
e entendia e falava  
e era já bom latino.  
Respondia, perguntava;  
Era de maravilhar  
ver seu saber e falar  
sendo de vinte e dous meses,  
monstro entre portugueses  
para ver, para notar.

Este foi o quarto avô do poeta épico vimaranense Manuel Tomás. Não concordamos com Meira ao apodá-lo de insulso: o jeito poético era o do tempo, na generalidade. Sem rasgo ou vôo desmedido, é poeta que se não lê com enfado.

Reportar-me-ei, sômente, à sua obra *Fénix da Lusitania*, onde há curiosas alusões a Guimarães. Como farei com mais autores, leio um ou outro trecho de Tomás, para julgardes, muito melhor do que eu.

Seguirão os versos com que abre o seu poema *O Fénix*, nome alusivo ao Rei D. João IV. Trata-se, como se depreende, de uma genuína obra da Restauração Nacional de 1640, onde se historia a revolução, as grandezas de Portugal e da Casa Régia de Bragança:

Eu que cantei do grão Doutor de Aquino  
As virtudes, com glórias sublimadas,  
O zelo em Deus, heróico, e peregrino,  
As ciências do céu avantajadas.

A mística união, de Deus benigno.  
Do insulano as glórias sinaladas.  
Do quarto JOÃO, que deu ao mundo espanto  
Alta restauração, grandezas canto (1).

Em 3 estâncias imediatas explode o seu amor  
à terra vimaranense. Em outras alude ao berço de  
D. Afonso Henriques, aos guerreiros nobres de Gui-  
marães, à Senhora da Oliveira :

Em Guimarães, ditosa pátria minha  
Que tal Príncipe deu ao Luso Estado,  
Pois tanto às nove em fama se avizinha,  
Que com título Real a deixa honrado.  
Ali de Marte os feitos esquadrinha,  
Dele no quinto céu, sendo invejado,  
Por fazer no terreno doce ameno,  
Correr rios de sangue sarraceno.

(Est. 33)

Glosa Guimarães, por Pátria amada  
Do Rei primeiro Afonso belicoso,  
Por quem, foi Lusitânia conquistada,  
E em fuga posto, o Mouro caviloso.  
Ostentando grandeza avantajada  
Que tem, por berço ser, do Rei glorioso,  
Mostrou que só de amor, tinha o tesouro,  
Do brando Minho ao caudaloso Douro.

(Est. 47)

E assim seus moradores afamados  
Claros por sangue, ilustres por nobreza,  
Que os brios sempre altivos conservados  
Gozam, da antiguidade Portuguesa.  
Unânicos, conformes, germanados,  
Com gratos vivas, com leal firmeza,  
Ao novo Rei, mostraram amor tão alto,  
Que todo o louvor neles, fica falto.

(Est. 48)

Manuel Machado ilustre de Miranda,  
Com Bastão militar, os move, e guia;  
E a bandeira real, ondeia, e manda,  
Pero Cardoso, insigne em fidalguia.  
A esquadra, que o Rei segue, veneranda,  
A de Alexandre, avantajjar podia,  
Pois nenhum deles, leva menos brio  
Que os dez mil gregos seus, contra Dario.

(Est. 49)

(1) Modernizou-se a ortografia. A edição é de 1649,  
Ruão. Mais publicou *Thesouro de Virtudes*, 1661, Antuérpia.

Ante a Virgem, famosa, da Oliveira /  
 Postrados em união, todos devotos  
 Lhe fazem livre entrega, da Bandeira,  
 Oferecendo seus humildes votos.  
 Como é do novo Rei, a acção primeira,  
 Do jugo castelhano em tudo ignotos,  
 Quantos o aclamam, gratos a veneram,  
 E estas dignas plegárias lhe fizeram.

(Est. 50)

Depois, mais adiante, foca o valor do célebre terço de guerra de Guimarães, de que já nos deu importante estudo o Sr. Coronel Mário Cardozo <sup>(1)</sup>, e onde se fala de outros nobres vimaranenses :

Deu Vasco de Azevedo, em Lobeus, forte,  
 António Pinto, destro, por Lindoso,  
 O reduto de Lamas, coube em sorte  
 De Guimarães ao Terço belicoso.  
 Venceu, com dar aos Galegos morte,  
 Línguas à fama, e nome sempre honroso,  
 Os corpos dividindo, em mil pedaços,  
 Cortando pernas, decepando braços.

(Est. 35)

Cercando mal depois, três mil Galegos,  
 A Companhia de Martim Teixeira,  
 De valor faltos, de coragem cegos,  
 Viram de Marte, a fúria verdadeira.  
 Porque cem Lusos sós, com tais empregos  
 Os afrontaram, de tão vil maneira,  
 Que com dois prisioneiros que levaram,  
 De medo, e de temor se retiraram.

(Est. 36)

Um Pedro e um Luís, Martim Teixeira,  
 Um Gerardo Machado, armipotente,  
 Dionísio de Amaral, que a luz primeira  
 Goza com o mesmo Odriso, no ascendente.  
 E aquele raro espanto da Fronteira  
 Formidável terror da Hespéria gente,  
 António de Queirós, que a Marte irado  
 Na quinta esfera tem, como assombrado.

(Est. 41)

---

(1) Mário Cardozo. *O Mestre de Campo Álvaro de Sousa e o Terço organizado em Guimarães em 1639*, in «Revista de Guimarães», Volume especial comemorativo dos Centenários da Fundação e da Restauração de Portugal. Guimarães, 1940, pág. 123 ss.

Todos filhos daquela venturosa  
 Guerreira Guimarães, Pátria querida,  
 Que merecem na guerra sanguinosa  
 Antecipar louvor à própria vida.  
 Por quem Galiza triste e lacrimosa,  
 Ficou tão debelada e destruída,  
 Que os danos que lhe deram, avaliados,  
 Passam, de setecentos mil cruzados».

(Est. 42)

Manuel Tomás não esqueceu Vizela, que canta  
 assim:

Vem os que gozam do Vizela frio,  
 Em a ribeira amena as águas claras,  
 Grato, aprazível, brando, fresco rio,  
 Senhor que as trutas dá, no sabor raras;  
 Que o sítio corre alegre, e mais sombrio,  
 De pomares, e quintas nunca avaras,  
 Pois os frutos lhes dão, por seus haveres  
 A Bromio em vinho, em louro trigo a Ceres.

(Est. 67)

Outra estância canta o ânimo valoroso dos guer-  
 reiros vimaranenses:

Levara o Terço forte dos Volantes  
 Martim Gonçalves, Heitor valoroso,  
 Regendo os Bracarenses, e Estudantes  
 Manuel de Sousa, Aquiles belicoso.  
 Os da Barca, com brios arrogantes,  
 Um Francisco de Castro generoso,  
 E os da guerreira Guimarães, ousados  
 Por seus Sargentos Mores vão guiados.

(Est. 73)

Como ouvistes, não pode aqui falar-se de total  
 insulsez poética. Manuel Tomás não deve de ser  
 esquecido, como frequentemente acontece, com indis-  
 cutível injustiça.

O seu poema *Insulana* canta a descoberta da  
 Ilha da Madeira.

No mesmo tempo, é sem contestação meritório  
 pregador Geral o célebre Frei Rafael de Jesus,  
 Cronista-mor do Reino, beneditino, autor do conhe-  
 cido *Catrioto Lusitano* (Lisboa, 1679), onde canta  
 os feitos das guerras luso-holandesas do Brasil, no  
 século em que viveu.

Prêgador insigne, como disse, deixou valiosos sermões publicados. Nos seus três tomos há valiosos trechos de boa linguagem (1). Passariamos a noite a ler os principais. Apenas vos revelarei parte do que ele prêgou em festa da Assunção de Nossa Senhora, na sua Igreja da Colegiada, com o Santíssimo exposto, onde se pode verificar, de parçaria com tons da escola de António Vieira, seu contemporâneo, uma não desmentida paixão por sua terra vimaranense:

« *A Senhora com o título de Senhora da Oliveira: pois se a Senhora é, a que de suas puríssimas entranhas nos deu o corpo, e sangue, que Cristo Sacramento em pão, quem pode duvidar de que aquele trigo é fruto desta Oliveira? E que se havia de manifestar hoje a excelência do título, pela alteza do Sacramento: e não altere a acomodação o ser uma a oliveira do título, e um o fruto do Sacramento; quando o Profeta vê duas espigas, e muitas oliveiras: Duæ spicae olivarum: porque Cristo Sacramentado em trigo, é Sacrificio, e Sacramento; e a Senhora da Oliveira, uma pelo assunto, e muitas pela semelhança.*

*Tenho dito a conveniência, que há entre o Sacramento, e o título: Agora direi as razões, que acho de combinação entre a invocação da festa, e as palavras do tema: Maria optimum partem elegit, quae non auferetur ab ea. Escolheu a Senhora para sua Imagem a melhor parte da terra; a melhor parte do culto; a melhor parte do título, pelo favor; a melhor parte do tempo, pela ocasião. Digo, que escolheu a Senhora para a colocação desta Sagrada Imagem, a melhor parte da terra pelo lugar; porque se a melhor parte do mundo é a Europa; e da Europa, é a melhor parte Espanha; de Espanha, é Portugal a melhor parte; de Portugal, Entre Douro e Minho; e de Entre Douro e Minho, Guimarães. As razões de sua bondade, nos explicam as letras de seu nome: São nove, e não são mais as notas da Aritmética. O G, a define grande,*

(1) *Sermões.* Lisboa, 1674, 1688 e 1689.

*pelo populoso dos moradores. O V, valorosa, pelos progressos das armas: O I, illustre, pela nobreza das famílias: O M, majestosa, pela elegância dos edificios: O A, antiga, pela incerteza de sua fundação: O R, régia, por berço de tiaras, e púrpuras: O segundo A, abundante, pela fertilidade dos campos: O E, excelente, pelo claro dos sujeitos: O S, salutar, pela benignidade do clima. Esgotando-se em seu nome, e em suas prerrogativas todos os números da Aritmética; e se nela quisermos passar adiante, a veremos cifra de toda a perfeição da terra; pois o nome a define grande, valorosa, illustre, majestosa, antiga, régia, abundante, excelente e salutar; vindo-lhe, como de molde a singular definição do Sol, que nas letras de seu nome, trás o claro do seu ser Sol à solo.*

*Não é Guimarães a maior povoação da terra; porém é Guimarães a melhor povoação do mundo».*

Creio que este trecho de Frei Rafael de Jesus, Cronista-mor do Reino, não precisa de quaisquer comentários.

Outra curiosa figura setecentista é Torcato Peixoto de Azevedo, presbítero secular, falecido em 1705. Linhagista copioso, escreveu as conhecidas *Memórias ressuscitadas da Antiga Guimarães*, que somente viram os prelos século e meio após a sua morte.

É obra histórica de valor discutível, mas, por certo, meritória, como colectânea de sucessos e factos, infelizmente nem sempre firmes.

Aquí, João de Meira acerta a crítica. Todavia, se o Padre Peixoto tivesse podido rever a sua obra, talvez não merecesse hoje tão duros reparos.

Do século XVII são, ainda, certos frades letrados, como André de Guimarães, prégador; Antão de Guimarães; António da Luz, beneditino, lente em Coimbra. Cronista da Ordem foi também Frei Estêvão de São Paio, dominicano.

Padre João Peixoto teria deixado um valioso *Reportório Jurídico*.

António Cardote foi professor de Jurisprudência, também em Coimbra; e Francisco Rebelo de Azevedo lente de Cânones.

\*

O século XVIII é débil, no campo histórico-literário de Guimarães. Uma ou outra figura, ligadas à *Academia* que, como em toda a parte, de Lisboa ao Brasil, se instituíram em Portugal.

Tadeu Fonseca e Camões é o autor das actas da vida literária da *Academia Vimaranesense*, actas a que deu o nome de *Guimarães Agradecido*, em dois volumes, de 1749. Nem melhor, nem pior que muitas outras do tempo, sem dúvida, porém prova de que Guimarães não se alheava do movimento literário da época. Nesses dois curiosos tomos se lêem as variadas locuções poéticas dos componentes da Academia.

Do mesmo século é aquela poetiza D. Catarina Lencastre, que Balbi chama célebre, oriunda da casa de Vila Pouca de Guimarães, em que o talento poético parecia hereditário. Morreu já no século XIX, por 1824.

*Poesias joviais e satíricas* é o título duma obra do invulgar poeta setecentista António Lobo de Carvalho.

Frei Bernardino de Santa Rosa, nascido em 1707, deu-nos o curioso *Teatro do Mundo visível* e outras obras. Regentou o Colégio de S. Tomás, em Coimbra.

*Elogios históricos* são obra de Fernando da Costa Barbosa.

Comentador devotado dos *Lusíadas* foi Joaquim Inácio de Freitas, falecido já em 1833.

Como se disse, não é copiosa a galeria, nem muito excelente, dos escritores vimaranenses do séc. XVIII.

Será no imediato que Guimarães há-de orgulhar-se de dar às Letras e à História portuguesas, mórmente a esta última, algumas de suas mais avantajadas figuras.

Por vezes, como chuva de estrelas em noites negras, famílias vimaranenses prodigalizam numerosos talentos em variados ramos da árvore das Ciências ou das Letras.

Assim, essa de Vila Pouca, que relembrei, assim as dos Sás e Moreiras de Sás, de terras vizelenses, e assim as dos Navarros de Andrade.

Esta, como bem um dia coligiu o meu saudoso amigo e também bom mestre Francisco Martins, concedeu às Armas, à Diplomática, à Medicina, às Letras, alguns insignes barões, nos séculos xvii e xviii (1).

Não sobejam minutos para vo-los indicar, a todos os grandes dessa eugênicamente grande família.

Na base da cepa dos maiores figura o médico Sebastião Navarro de Andrade, que há 27 anos parcialmente biografei na minha tese de Doutoramento sobre Medicina em Guimarães (2).

Dos filhos, João, Doutor de Capelo em Coimbra; Luís, celebrado jurista; Joaquim, o *Língua de Prata*, como o irmão lente médico na Universidade, Físico-mor do Reino, ao qual certo jornal português considerava «um dos mais eruditos de Portugal»; Rodrigo, diplomata notabilíssimo, que foi Barão de Vila Seca; Jacinto, outro Doutor de Capelo; e outro ainda, Vicente, organizador dos estudos médico-cirúrgicos no Brasil, professor de Medicina invulgar, que entre obras de Ciência também dedilhou o plectro dos poetas.

Eis, aí, algumas das grandes figuras que João de Meira olvidou na sua acerada censura às potências intelectuais dos filhos de Guimarães. Esta fidalga e magnífica terra bem pode envaidecer-se nelas, com elas e por elas.

\*

O século xix é, sem dúvida, admirável alfobre de excelentes personagens. Lamento, apenas, que o tempo não permita mostrá-las nesta noite, com a carinhosa atenção que exige a sua grandeza, diversa como tudo no mundo e como entre as estrelas, para lá da terra.

De António Freitas Soares Júnior, a Francisco Costa, a Arnaldo Pereira, a Gaspar Roriz, a Ana

---

(1) Francisco Martins. *Um friso de Vimaranenses*, etc. Ob. cit.

(2) Luís de Pina. *Vimaranes. Materiais para a História de Medicina Portuguesa. Arqueologia. — Antropologia. — História*. 1929, Porto.

Moreira de Sá, a Bernardo de Melo, a Fernando da Costa Freitas, a Vicente Almada, uns do século passado, outros já do que corre, mas todos levados pela morte, poetas e prosadores, de mais ou menos fina água.

Os *Murmúrios de Vizela*, para não citar quejandos, da poetiza Ana Amália Moreira de Sá, são paradigma de tantos livrinhos do tempo.

Como veremos, à tentação de versejar não escapou o próprio Martins Sarmento, sem dúvida a maior das figuras vimaranenses, cujo nome continua a ser lembrado, onde se escrever Pré-História e Etnologia peninsular ibérica, nos mais categorizados livros portugueses e estrangeiros, de todo o Mundo! (1)

A Biografia de Martins Sarmento, está assente em três poderosas colunas imorredoiras, que nem o tempo, nem a memória dos homens lograrão derruir: o *castro* da Citânia de Briteiros, os seus livros e esta casa, o Panteão mais expressivo que até hoje se ergueu aos méritos de um homem grande em Letras, no nosso País.

Biógrafos de polpa e superciliosa arte já no-lo mostraram lúcidamente em sua grandeza: assim o Coronel Mário Cardozo, seu devotadíssimo discípulo póstumo que, quase só, tem mantido o valor do nome do seu mestre, e a esta Casa-Museu e Escola admi-

(1) Evocamos, neste ensejo, o que Camilo Castelo Branco escreveu nas *Memórias do Cárcere* (I vol.), obra que adiante voltaremos a mencionar.

O romancista fala na casa de Briteiros, que era solar de Sarmento, de cujas janelas avistava a Citânia, que o futuro inexcedível arqueólogo não começara ainda a estudar. Camilo duvida da luso-romanicidade dos castros e considera-os meros redutos defensivos medievais portugueses, posteriores ao Conde D. Henrique! E diz: «*Como quer que seja, a chamada Citânia faria derrear um antiquário, sem ele descobrir nas ruínas dela pretextado a narcotisar com um in-fólio a porção do género humano, que ainda crê nas visualidades de antiquários, e decifrações arrevezadas de pedras e quejandos desfastios de sábios em medalhas e outras espécies, — sábios, à gente — a gente mais estafadora do mundo*».

Quem sabe se esta profecia, aliada a incredulidade, não sugeriu a Sarmento (se Camilo lhas comunicou em 1860), a tarefa absorvente da exploração do Castro, que começou em 1875?

rável muita da magnífica fama de que goza, dentro e fora dos marcos de nossas fronteiras.

Mário Cardozo, filho de Guimarães, já luz na galeria dos seus maiores.

Ah, meus Senhores, se o Prof. João de Meira o tivera conhecido e outros de tal craveira, não escreveria aquele céptico trecho que vos li há momentos.

Nada há mais consolador, para quem historia, do que louvar e consagrar, em sua vida, aqueles que merecem da Pátria especial ternura e justiça.

E dobrada consolação, ainda, o poder dizer-lhes, frente a frente, perante os outros vivos que serão testemunhas de sempre: *em nome de Guimarães e de Portugal, a História vos agradece, Coronel Mário Cardozo e ilustre vimaranense, tanto do quanto carrestes para a sua história e para o seu alfoz cultural.*

Os excelsos espíritos de Sarmento, do Abade de Tagilde, de Alberto Sampaio e de João de Meira jubilosamente escutarão hoje estas minhas palavras, pois de lá, do Eterno Mundo que é o seio magnificante de Deus, hão-de julgar e considerar seu par ao Coronel Mário Cardozo.

O seu ilustre nome fica já muito bem ao lado daqueles. Praza a Deus que Guimarães veja nascer outros a quem o seu exemplo incite a nova glória e a novas tarefas.

O que se pode ver nesta Casa hoje e nesta Casa se publicou por estes dias de festejos centenários e milenários, são prova, ainda, do poderoso esforço de ânimo de Mário Cardozo.

Ele segue o exemplo admirável dos Mortos; mas sabe também mostrá-lo aos Vivos. E com que grandeza e com que beleza!

Minhas Senhoras e meus Senhores :

De par e por outra via, quantos outros filhos da Vimaranes lhe não tem dado o brilho do seu talento, nestes derradeiros 150 anos!

Providencialmente, Deus conservou, nesta terra gloriosa que bem os merece, a semente ilustre que

não podia cair apenas entre fragas ou no bico das aves esfaimadas, como a da parábola evangélica.

E, assim, na História e na Crítica Histórica, de par com a Poesia, haveria de surgir a extraordinária, tão extraordinária quanto discutida, figura de Alfredo Pimenta, a quem Portugal deve, entre outros méritos, o de uma eficaz vigilância do campo da Verdade, onde não consentiu nunca os terríveis pardais que esvoaçam e irrompem sobre todas as terras de cultura...

Alguém, um dia, escreverá, sem paixão e sem preconceito, a sua difícilíssima biografia de doutrinador monárquico, de pesquisador, de corrector de enganos, de juiz severo, de inconformista violento.

Não se me antolha esta maré de fazê-la, muito menos eu, incapacíssimo e insciente.

O que, todavia, se pode afirmar é que Alfredo Pimenta resgatou opulenta e copiosamente a desvalia dos velhos historiadores de Guimarães, tal como a revelava há perto de 50 anos João de Meira.

Cabe-lhe, como a mais ninguém, essa esperada e digníssima honra.

A Paleografia deu a Guimarães uma outra de suas inolvidáveis figuras, esse velho modesto e estranho que se chamou João Lopes de Faria, que leu os pergaminhos velhos vimaranenses com sua dobrada vista de patriota e de sábio. As suas *incontáveis* efemérides são sempre fértil leira para todos os que queiram laborar a terra da história de Guimarães.

O Folclore e a História regional deu-nos Alberto Braga, produtivo mestre da especialidade, prosador como os melhores, de quem em pouco vos lerei uma deliciosa página, a comprovar o asserto. E assim o farei dos trabalhos de outros vimaranenses que, como este prezadíssimo amigo, merecem, neste dia, esse preito de homenagem, esclarecedor e expressivo.

Alberto Braga, no sua modéstia por vezes intolerável (ele me perdoará esta irreverência!), tem-nos dado copiosa galeria de trabalhos, em que o seu amor à terra e à tradição portuguesa se revela pujante e delicado, a fazer deste simples vimaranense

o maior cantor do Povo do seu alfoz e um dos mais ilustres discípulos de Leite de Vasconcelos.

Não há dúvida que a sua obra, já grandiosa, completa, em sentido muito peculiar, a própria obra de Martins Sarmiento e de Mário Cardozo (1).

Providencialmente, dissera eu, a semente boa caiu em solo fecundo e germinou a froixo.

A Arte, a História e a Crítica de Arte, a Museologia artística e histórica topou em Alfredo Guimarães, poeta e prosador de boa água, num denodado pioneiro e prossecutor de obra iniciada há muitos anos, por velhos tradicionalistas que avaramente conservaram o núcleo artístico da ourivesaria vimaranense da sua Colegiada.

A obra pujou, sobressaiu: e o Museu de Alberto Sampaio é timbre e é chancela que sobremaneira ilustram a terra de Guimarães.

De par, o operário, o artífice, o mecânico encontrou seu tratadista apaixonado, António Lopes de Carvalho, homem de letras auto-didata, como Alfredo Guimarães, méritos de mais relevo e honra. Na verdade, António Lopes de Carvalho ficará, na galeria dos bons de Vimaranes, o melhor dos panegiristas e pesquisadores dos seus *Mesteres*, das suas corporações de ofícios, da sua epopeia de Trabalho inultrapassável.

Como seria notável a *História de Guimarães*, monumental, que ainda se espera, se pudesse ser escrita em largos volumes, encadeada, sistematizada e planeada por este grupo de vimaranenses, em parçaria ilustremente portuguesa!

Estes, os vivos, aqueles que ainda felizmente vemos a nosso lado, na empresa em que sublimam seus esforços e suas canseiras.

Dos mortos, alteiam-se a níveis fulgurantes Alberto Sampaio e o P.<sup>e</sup> Oliveira Guimarães, Abade de Tágilde.

---

(1) Vid. o vol. dos seus principais trabalhos, como dos demais escritores citados, no *Catálogo da Exposição Bibliográfica de Autores Vimaraneses realizada na Soc. Martins Sarmiento*, por Alberto Braga e Mário Cardozo, 1953. Guimarães.

Do primeiro destes vimaranenses bastar-lhe-ia o estudo magnífico das *Vilas do Norte de Portugal* para o consagrar definitivamente; ao segundo, ao grande Abade de Tãgilde, sobejariam os preciosísimos *Vimaranis Monumenta Historica* <sup>(1)</sup> para imortalizar-lhe o nome, de par com um *Guimarães e Santa Maria* ou um *Guimarães e Santo António* <sup>(2)</sup>.

Nem a História de Portugal, nem a História de Guimarães podem ser manuseadas sem rebusca nas fontes escritas por estes dois magníficos cabouqueiros. Este facto demonstra à sociedade o extraordinário valor dos seus escritos.

#### Minhas Senhoras e meus Senhores:

Estes que aí ficam esmaltaram o campo da História, da Arqueologia, da Etnografia e do Folclore minhoto.

E no das Letras?

Por certo, a Providência não foi aqui tão liberal com elas.

Guimarães não poderia, não pode exigir tudo melhor em tudo que tem: mas não deixa de apresentar do bom, quando se lhe faz o balanço das Letras.

Como em todas as terras lusas, a Poesia nasce e viceja com aquela candura comum a tantos milhares de versistas, dentro e fora de fronteiras.

De Bráulio Caldas e Arnaldo Pereira a Jerónimo de Almeida e Leão Martins, sempre uma teoria de singela produção poética deu trabalho mais ou menos intenso aos prelos. Sem esquecer a amarável poesia de ignoto poeta e velho amigo (que só conheci depois de escrita esta palestra), o respeitável industrial

---

(1) Guimarães. 1908, 2 vol. *Vimaranis Monumenta Historica A Saeculo Nono Post Christum Vsque Ad Vicesimum Iovsv Vimaranensis Senatus Edita*. Existe a Partis I Editio Secunda *Accurate Emendata*, com *Apêndice*, de Alfredo Pillenta, 1931, Guimarães.

(2) Respectivamente dos anos 1904 e 1895.

Amadeu Carvalho. Não se resiste à tentação,  
de ser indiscreto, revelando um dos seus sonetos:

Altas horas da noite me levanto,  
Cansado dum descanso que não tenho.  
Olho em volta de mim, com grande espanto,  
E a mim mesmo me vejo como estranho!

Quem serei eu?! — Um criminoso? Um santo?  
E qual o meu destino? Donde venho?  
Porque da morte me aproximo tanto  
E porque perto dela me detenho?!

Mas por acaso viverei ainda?...  
Sabe-se lá quando começa a Vida,  
Quando a Vida começa ou quando finda!...

Quem sou? — pergunto; mas ninguém responde  
E a minha sombra passa compungida  
Entre fantasmas... sem saber p'ra onde!

O primeiro grande poeta vimaranense estua na trágica figura de Guilherme de Faria, cantor de Deus e da Pátria, do Rei e da Tradição, do Povo e da Saudade, sebastianista a seu modo, escola de Sardinha, maior no sentido que na própria arte, esse infeliz moço que conheci por aulas liceais.

Entrevia cedo a Morte, que ele próprio chamou, em desvairado desassisamento de hora lúgubre. Ele o dissera:

Dormir... dormir... dormir...  
Ah, deixem-me dormir!  
Dormir para esquecer  
e não mais acordar!  
Na Morte, enfim, descansa  
Oh dúvida de Deus!

Ai Saudade minha  
Paz consoladora  
És talvez a Morte,  
Mas jamais o Amor! (1)

Porque cantava o malogrado poeta:

Mas eu quero viver, quero ser tudo,  
só não quero, Senhor, ser o que sou! (2)

(1) In *Saudade minha (poemas escolhidas)*, 1929. Lisboa. Pág. 311, 313 e 349.

(2) Id. Pág. 38.

Enfim, rematou a vida a si próprio, pois, ele bem o declarava:

... bem nossa, só a Morte,  
e para a sua verdade  
qualquer caminho é caminho (1).

E perdeu-se, o triste e o pobre amigo, no caminho que escolheu.

Mais poetas? Se Alfredo Pimenta o foi também e em tanta página deixou versos!

Do *Livro das Quimeras* e do das *Orações aos Ecos de um violino partido*, o Poeta não se abeira da altura do Historiador, do Ensaísta, do Crítico inimitável que foi.

Todavia, há versos belos na obra de Pimenta. Alguns, quase ao acaso, naquelas obras:

Eu sou o Estradivário enamorado e estranho  
que a cantar se partiu — de tanto que cantou...  
São versos sem sentido, os versos que ora tenho!  
É um poeta que morreu — o poeta que hoje sou.

Nestes outros, há beleza de forma e de conteúdo (*Tarde de Chuva na Madre de Deus*):

Quem me dera morrer numa tarde de chuva,  
Como esta tarde de chuva em que eu me encontro a ver,  
frente colada aos vidros, a abundância da chuva  
pelas faces das coisas, a correr, a escorrer...

A Eugénio de Castro dedicou estes, um dia, entre outros:

«Que os meus versos são fúteis»! — mas ninguém  
melhor do que eu o sabe e os quer assim.  
Os meus versos são fúteis, e ainda bem,  
porque os componho e escrevo só p'ra mim.

---

(1) In *Saudade minha*, pág. 250.

Desse, a quem Eduardo de Almeida chama *Grande de Portugal e Prosador e Poeta, Filósofo e Crítico, Historiador e Investigador* (1), em tudo dos maiores do mundo latino, recordo ainda, entre tantas expressivas poesias, este soneto-testamento:

Em frente à minha casa há uma capella  
Com adro e alpendre, e onde eu vou rezar  
À Senhora que vive dentro della,  
E é a Nossa Senhora do lugar.

Às noites, uns minutos à janella,  
Demoro-me, sòsinho, a conversar,  
Humildissimamente, com Aquella  
Que é a doce protectora do meo lar.

E o que todas as noites eu lhe peço,  
Na infinita humildade do meo ser  
E no profundo ardor do meo orar,

É que, a eterna Paz de que careço,  
Ma deis, vós, filhos meos, quando eu morrer,  
Deixando-me ao pé d'Ella repousar. (2)

Outro poeta vimaranense, Alfredo Guimarães. Reli o seu volume *Meiga*, de há 33 anos (1920, Lisboa). E fixo-me no seu soneto VI, que vou ler-vos:

Com tanta pena a chuva vagarosa  
cai no meu coração, com tais tristezas,  
que as duras das saudades, que eram presas,  
já as sinto chamar por ti, saudosa!...

Dentro de mim, com rude força ansiosa,  
todo me extremam, feitas de asperezas;  
eu que em mim as suporto, enquanto rezas;  
eu que envelheço, enquanto que és formosa.

(1) Vid. M. Alves de Oliveira. *Alfredo Pimenta devotado vimaranense*, 1952. Guimarães.

(2) Num azulejo do alpendre da citada capela da Madre de Deus, onde está sepultado, como desejou.

Lembro que já em 1913 João de Meira desejara repousar eternamente na ermida de Gominhões (freguesia onde morreu), em sepultura humilde «que o vidoeiro ensombra pela tarde»! (Hernani Monteiro. *História do Ensino Médico no Porto*. Suplemento. 1925. Porto).

À chuva fria, ao ar barrento, à bruma,  
ei-las a perguntar, uma por uma,  
a sorte ao seu destino agro e cruel.

Ansiosamente!... e entanto que, sem vê-las,  
eu verto, ora por ti, ora por elas,  
meu choro, água do céu, neste papel...

Outro poeta (e que grande seria!) se o quizesse <sup>(1)</sup>,  
o Prof. João de Meira, médico ilustre e extraordi-  
nária figura de homem de Letras, tão cedo levado  
pela morte e que eu hoje aqui invoco e evoco vene-  
radamente, eu, que sucedi na cadeira da Escola Mé-  
dica um dia para ele criada.

Espantosamente, João de Meira imitava os mais  
diffíceis escritores: Camilo, Eça, Sá de Miranda,  
Antero, Nobre <sup>(2)</sup>.

Poderei comprová-lo lendo-vos este *vilancete* que  
Meira compôs, à moda de Cristóvão Falcão:

#### MOTE

Senhora, vosso marido  
Vêde-lo tão estimado  
Que vos há-de dar cuidado

#### GLOSAS

Perdoai ser atrevido,  
Senhora do meu respeito,  
Vejo eu vosso marido  
Ser um homem tão perfeito,  
De todos tão bem aceito,  
Que o vê-lo tão estimado  
Me parece de cuidado.

---

(1) Com António Garcia, antes dos 20 anos, publicou o jornalzinho vimaranense *A Parvónia*; aos 17 dava ao prelo os seus primeiros trabalhos literários. Em 1902 publica no *Independente*, de Guimarães, uma valiosa colecção de *Sonetos* de tipo anteriano.

(2) J. A. Pires de Lima (in *João de Meira. Notas bibliográficas*, «Revista de Guimarães», 1921) dizia que o seu *Espíritas* (assinado por «Homo») o revelava «escritor da raça de Camilo».

Pois quem tem tanto amigo,  
 Que lhe anda sempre lembrando,  
 Corre a cada passo o p'rigo  
 De em vós não estar pensando,  
 O que é pecado nefando;  
 Por isso o ser estimado  
 Me parece de cuidado.

Se eu fosse mulher, queria  
 Um homem de embirração,  
 Sem nenhuma simpatia,  
 Para não ter partição  
 No affecto e no coração,  
 Porque ser tão estimado  
 Sempre é coisa de cuidado! (1)

E quereis ouvir como esse grande historiador de Guimarães e da Medicina e Médico-legista conspícuo e grave imitava António Nobre?

Aí tendes o soneto à Senhora da Boa Nova, de Leça da Palmeira:

Na triste capelinha ao pé da qual,  
 Se Deus quiser, um dia hei-de morar,  
 Ficarei junto à porta principal,  
 Para o povo, na entrada me pisar.

E dirá o bom povo quando entrar,  
 Vendo a pedra que esconde o meu coval:  
 — Anto lá está, liberto enfim do mal.  
 E à Senhora por mim há-de resar.

Há-de resar por mim com devoção;  
 Virgem da Boa Nova, ouvi-lhe a prece  
 Que aos rudes lábios manda o coração.

E pois não lembra quem desaparece,  
 Dizei ao povo não me esqueça, não;  
 Que minh'alma também o não esquece (2).

O Professor João de Meira não meteu arado brilhante apenas pela lavra da Poesia, mas também no da Prosa e no mesmo tom. Assim, eis como

(1) Vid. *História do Ensino Médico no Porto. Suplemento coordenado por Hernani Monteiro*, ob cit.. O vosso marido a que alude o verso é Maximiano Lemos, que um grupo de admiradores e amigos festejava em 1911.

(2) Hernani Monteiro, ob. cit.

ele, em cópia feliz de Camilo Castelo Branco, sob o influxo do seu romance *Eusébio Macário* (1), descreve a imaginária chegada desta célebre personagem a Guimarães:

*« Eram 5 horas da tarde de um sábado quando Eusébio entrou no Tournal. Sob o alpendre da Alfândega peixeiras espiolhavam-se, muito farraponas, com os filhos pendurados dos seios mordidos de pulgas, escorridos como velhas meias com um pataco dentro; raparigas alegres, cheias de risos e de banha de cheiro, tiravam por artificiosas canas a água do chafariz, de três taças, encimado pela esfera armilar; no botequim do Vago-Mestre janotas de bigode e pêra, o Martins Sarmento, o João Machado Pinheiro, o Luís Cardoso, o José Falcão, conversavam, bebiam cálices de cana; às janelas do Pita alfaiate, oficiais trabalhavam; nas escadas do cruzeiro do Rosário, lavadeiras vendiam afusais de estopa e meadas de linho; oleiros recolhiam o estendal de louça; porcos fossavam a meio do terreiro, junto de um lenhador que desfazia canhotos com vagares metódicos; o sino grande de S. Pedro tangia, estremecendo as prateleiras da louceira instalada no sopé da torre; uma guitarra gemia em casa do Bento barbeiro.*

*Eusébio Macário cortejou de passagem o seu colega Matias, o da Botica da herva, esbarretou-se deante da Igreja de S. Pedro (porque apesar de filósofo, como a si mesmo continuava a apelar-se, entendia dever lisongear a piedade vimaranense) e foi apaar-se à porta do Gaita.*

*A farmácia era na Porta da Vila, loja estreita de duas entradas e balcão ao centro, rodeada de estantes com boiões de louça do Rato, uns largos, bojudos, abaciais, outros estreitos, esgalgados, famélicos, todos com letreiros abreviados, de difícil decifração, em meio de ramagens azuis.*

*Eusébio Macário destapou-os, cheirou as drogas com grande faro científico. Lá estava o unguento de*

---

(1) João de Meira. *Capítulos suplementares à Corja de Camilo Castelo Branco*. Número Ilustrado, 1912. Porto.

*tabaco, que digere os tumores; o unguento amarelo, que sara a dor das juntas; o unguento da Condessa, que conforta os rins e para os cursos; o unguento de Alteia, que amolece as durezas e mitiga a dor de ilharga; o unguento de azougue composto, que faz babar e cura certos morbos aplicado em fricções nas pernas, nas coxas e também no espinhaço.*

*Mas o que mais o seduziu foi a livraria, selecta e copiosa, respeitável pela idade, onde raro livro haveria que não fosse maior de cincoenta anos. Ele rápidamente, quase só pelas lombadas, deu conta da obra de João Lopes Correia, dois volumes compactos, atulhados, chamados Castelo Forte em homenagem a Nossa Senhora do Castelo da Vila de Coruche; viu a Atalaia da vida contra as hostilidades da morte, de João Curvo Semedo; a Polyanthea medicinal, do mesmo autor, por excellência, digno de singular aprêço, contendo as indicações dos pós de Quintilio e do bezoartico; a Luz verdadeira e recopilado exame de toda cirurgia, de António Ferreira, a Luz da medicina prática, racional e galénica, de Morato Roma, ambas luzes de raro esplendor, muito gabadas pelo defunto Maneta, o cirurgião antecessor do Viegas na clientela de Basto; O Desengano para a medicina, ou botica para todo o pai de família, de Gabriel Grisley, um teutão que veio estabelecer em Portugal o primeiro jardim botânico, no tempo de D. João IV; o Tratado do mal da peste, de Gonçalo Rodrigues de Cabreira; o Praticante do hospital convencido, de Gomes de Lima; o Uso e abuso das águas de Inglaterra, de Jacob de Castro Sarmento. Em farmacopeias, então, era uma riqueza. Havia a Farmacopeia meadiana, que recebeu o nome do seu autor, Roberto Mead ».*

Eis ainda outro trecho de Meira, a comprovar as suas excepcionais qualidades de prosador camiliano:

*Demais, tinha adquirido a certeza de que a Eufémia, se fosse um mês ao Porto recomear os seus processos de corte, pôr-se a par das modas novas, podia montar com exito um atelier em Guimarães. Havia por aquele tempo, bailes amiudados*

*no berço da Monarquia, e além dos bailes representações de amadores em que primavam na cêna João Machado Pinheiro (Visconde de Pindela), D. Ana Elvira de Freitas, sua mana (hoje a Snr.<sup>a</sup> Viscondessa de Pindela), o barão de Pombeiro de Riba Vizela. Do Porto vinha para essas teatradas o Dias da Feira, o José Maria Dias Guimarães, um que arrancava soluços às plateias, quando representava, com exuberancia de gestos trágicos, o Agostinho de Ceuta ou o Marquês de Torres Novas. Os vestidos dos actores e os da assistência davam trabalho que farte às modistas da terra, e muita vez às de fora, às de Braga e do Porto, onde a roda mais extremada mandava fazer os seus. Guimarães era outra coisa, não era Basto em que as mais elegantes, as do Fidalgo da Ramada ou as do Doutor das Courelas, apareciam três anos a fio com o mesmo traje, nos chás da Fidalga da Raposeira, na feira de S. Miguel ou na romaria de Cavez. Enfim, Guimarães antolhava-se-lhe uma terra da promessa quando meditava estas coisas na subida da Lameira.*

E recorde-se este outro passo de João de Meira, a imitar Eça de Queiroz, passo em que o discípulo grato homenageia o seu mestre Maximiano Lemos, insigne historiador da Medicina Portuguesa:

— «Então o douto Topsisius disse-me formalizado e solene:—Dom Raposo, afiança-lhe um homem que a Alemanha escuta em questões de critica e de história: há no seu país uma figura que basta à reputação de uma nação.

Eu murmurei vagamente:— Sim, em Portugal há grandes vultos, há o Herculano, há o Rebelo da Silva, o Zé Ricardo, o Morgado de Covas...

— Não, D. Raposo, não, atalhou o erudito homem; Herculano foi um rígido, alimentando-se do facto nu, estreme, sem poesia, sem centelha...

Eu pressuroso ia a atalhar:— E o Eurico? e o Eurico?... Mas já Topsisius epilógava esguio e lento com os doutos óculos refulgindo na ponta do bico:—Herculano era um seco, Rebelo da Silva

*um retórico, Oliveira Martins um diletante. Não, D. Raposo, em verdade lhe digo, o homem a quem me refiro é o Maximiano . . .*

*— O nosso, o do Porto? gritei arrebatado. E depois, mais sereno, passando a lingua pelos lábios, saboreando com gula essa delícia :*

*— É para ver, Topsius, é para você ver! Grandes escritores não nos faltam. Sabe você o que há pouco em Portugal? É quem saiba ler, sapiente amigo, é quem saiba ler ! >*

João de Meira pode e deve também ser considerado como um dos melhores pioneiros do romance policial no nosso país (1). Há 41 anos publicava ele, no *Mundo Ilustrado*, do Porto, dois curiosos contos do género, que assinou com o pseudónimo do *Donan Coyle*, anagrama, como percebeis, de *Conan Doyle*, o celebrado autor das aventuras do Sherlock Holmes, ainda famosas hoje, no género.

Como se sabe, este Sir Artur Conan Doyle era um médico inglês, sagaz e culto, que abriu no mundo literário essa estranha e hoje tão prolifera espécie de novela. Pois a João de Meira, também médico, seduziu-o tal exemplo britânico e vá de escrever as novelas de que falei, uma com o título *O cadáver que se evade* e *O «truc» de Mister Raymond*, que faziam parte da colecção *Sherlock Holmes no Porto* (2).

São dois curiosíssimos contos policiais, a que não falta espírito científico, enredo aliciador e boa gramática, o que nem sempre se topa nos que por aí enxameiam prodigiosamente!

João de Meira, em sua bulhçosa imaginação, fez vir Sherlock Holmes ao Porto, onde o insigne polí-cia-amador desvendou dois intrincados casos criminais. Donan Coyle, o interessantíssimo Conan Doyle vimaranense que foi Meira, é, na verdade, um lou-vável discípulo do mestre londrino.

(1) João Gaspar Simões, no prefácio do volume *Mes-tres do Conto Policial. Primeira Série. (Ingleses e Americanos)*, trad. por Cabral do Nascimento, (sem data), não regista este facto; da mesma forma olvida o insigne precursor francês do género, Gaboriau.

(2) *Mundo Ilustrado*. Porto, 1912.

Leio-vos a explicação que João de Meira nos dá sobre a fantasiada estadia de Sherlock Holmes na cidade do Porto:

*«Havia tempo já (fala o secretário Watson) que a saúde de Sherlock Holmes não parecia satisfatória. As sumidades médicas inglesas a quem o apresentei eram, como eu, de opinião que só uma prolongada estadia no sul da Europa podia restabelecê-lo. Aconselharam-lhe Nice, Cannes, as vilas da Riviera italiana. Mas Sherlock Holmes não se resolvia a abandonar Londres.*

*Passava dias inteiros estendido sobre uma preguiçeira de verga na nossa casa de Baker-street, envolto em nuvens de fumo que continuamente se escapavam do seu cachimbo de cerejeira. Negava-se quando vinham procurá-lo, e já três vezes se recusara a auxiliar as diligências de Scotland-Yard. Durante seis meses uma só vez condescendeu em sair da sua inacção. Foi no caso do assassinato de Hyde-Park, em que Holmes apresentou o verdadeiro culpado quando o tribunal ia pronunciar a condenação de um inocente.*

*Um dia, porém, foi-me necessário vir ao Porto para salvar importantes valores comprometidos na falência da casa Thompson and C.º exportadora de Vinhos. Perguntei a Sherlock Holmes se não lhe seria desagradável acompanhar-me.*

*Pois vamos lá, Dr. Watson, respondeu prontamente. Aí está uma boa oportunidade de ver que tal me dou com um clima do sul.*

*Póde calcular-se o júbilo com que recebi a aquiescência de Holmes, não só pela boa companhia que me proporcionava, mas ainda pela certeza de que a sua saúde muito havia de lucrar com o passeio.*

*A viagem dispôs magnificamente o meu amigo, e decerto os leitores se recordam de que, mal desembarcado, logo averiguou um caso de evasões do Aljube que tanta retumbância teve.*

*Em pouco tempo Sherlock Holmes readquiriu a antiga energia. Abandonou o maldito vício da cocaína, e como a estada no Porto lhe fosse salutar resolvemos fixar aí residência por alguns anos.*

*Mistress Hudson, a nossa governanta de Londres, veio ter connosco. Abandonamos o hotel de Frankfurt, onde de começo nos instalamos. Alugamos casa. Reatamos a nossa antiga vida de Baker-street. Bem depressa começaram a surgir por cima dos móveis, provetas e tubos de ensaio. Uma prateleira vergava ao peso dos jornais relatando causas-crimes. E já a um canto se anichara um forno de reverbero.*

*Foi então grande a série de causas célebres que a intervenção de Holmes elucidou. Não esqueceram ainda investigações como a do furto de moedas do Museu Zuaga, a do roubo da mala do correio de Braga, a da falsificação de cheques do Banco Lusitano, a do suposto filho do Conde de Campo lindo e tantas outras.*

*O barulho que em torno destes casos fizeram os jornais foi considerável e por momentos abafou o ruído das questões políticas, que em Portugal são clamorosas. Um dos inquéritos a que se prestou maior atenção, e sem dúvida um dos mais belos da carreira de Holmes, foi aquele do desaparecimento de um cadáver da Morgue.*

*É justamente este caso singular, que dá bem a medida das extraordinárias faculdades de Holmes, que eu destaco do meu caderno de apontamentos para oferecer à justificada curiosidade dos leitores».*

\*

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Um outro insigne vimaranense temos de evocar esta noite, na sua qualidade de homem de letras, ensaísta filosófico e crítico: refiro-me ao também Professor de Medicina na Faculdade do Porto, Abel de Lima Salazar, escola onde já antes luzira, como mestre, outro vimaranense ilustre, Agostinho do Souto (1).

---

(1) Também aí ocupou o lugar de Professor extraordinário de Radiologia o Dr. Roberto de Carvalho, outro vimaranense de invulgar talento científico e artístico. Entre muitos mais trabalhos da especialidade, este ilustre médico e exímio músico (autor e executante) deixou valiosos estudos sobre aplicação dos Raios X na identificação da pintura a óleo.

Eruditíssimo, excelente pintor, caricaturista, escultor e gravador (um dos maiores de Portugal); movediço temperamento de artista e de crítico, alanceado pela inquietação política e filosófica que o desvairou e arredou, abruptamente, da gloriosa carreira científica que encetara com imenso brilho, Abel Salazar era, na verdade, um invulgar prosador.

Dizem-me que também poeta: um prezado Colega meu afirma-me que são versos de Abel Salazar uns que guarda em volume manuscrito, com letra que parece do malgrado Professor. Este ponto ficará para outra vez.

Agora, refiro apenas, entre tantos de seus artigos e livros alheios à Medicina, as suas *Digressões em Portugal*, de 1935, onde há páginas excelentemente escritas, embora contaminadas de um pessimismo atrás, de uma causticidade peculiar ao seu irrefragável e duro espírito crítico, inconformista e impenitente.

O Minho não o seduz (embora nele tivesse nascido) em certos de seus aspectos.

Assim começa Abel Salazar o seu capítulo *Japonesismo minhoto*:

«É singular que o Minho nunca tivesse produzido nem grandes poetas, nem grandes pintores. E, no entanto, o lirismo suave da sua paisagem e o seu capricho pitoresco são ricos de sugestões variadas no campo literário e pictórico.

O Minho «jardim» é um lugar-comum vazio de sentido; porque nada existe que o justifique. A sua paisagem, como detalhe, é rude e tipicamente rústica. Qualquer paisagem francesa, holandesa ou alemã, está mais próxima do tipo «jardim» do que o granítico e torturado cenário da provincia minhota.»

E explica, entre mais:

«a isso se opõe o seu aspecto cultivado, os seus campos em socalcos, a ciúmeira feroz dos seus muros agressivos, toscos e rudés, coroados de cacos de vidro, os seus caminhos arcaicos, lageados de grandes pedras toscas.

Nenhuma graça, tudo é rude; e tudo é lama e lodo no inverno, pó, moscas e porcaria no estio: e

*miséria e negrume nas choupanas e casais, e crostas de sugidade nos habitantes.*

*A mulher minhota, feia, tosca e negra, coberta de trapos imundos, é um ser animalizado na bestificação em trabalho ingrato e rude; e a criança, de grande barriga empinada, bisonha e pasmada, é uma pasta de sujidade inverosímil com moncos coagulados numa amálgama de pó e moscas, que no pequeno focinho selvagem forma máscara.»*

Algumas dezenas antes, o seu compatriota Meira dissera coisas idênticas.

Todos vós, vimaranenses do Minho, podeis julgar, como eu, até onde vão, em verdade e rigor, estas tristes e duras palavras do cientista que foi um dos maiores mestres da Anatomia microscópica portuguesa e internacional e, sem dúvida, uma das mais fulgurantes figuras do Professorado Médico Português, de todos os tempos (1).

Gostaria de vos ler a formosa descrição da Penha vimaranense, que nesse mesmo livro nos deixou. O tempo foge e estou no termo desta palestra, mas quero, apenas, lembrar-vos o que Abel Salazar disse do vosso vinho verde.

*«é um dos pesadelos de quem passeia no Minho esta beberagem atroz, que o minhoto divinizou.»*

O escritor condena o vinho-verde, exclamando:

*«Uff! sou minhoto de gema e conheço a droga como os meus próprios dedos; sei que ela «dá forças» aos recém-nascidos, cura todas as mazelas e ajuda o homem a ser forte e lampeiro; sei que ela é «sangue de Cristo» . . .*

*Sei, enfim, que o Minho se não pode conceber sem a sua droga, que é o seu nervo e o seu deus:— mas sei também que o tanino é um mordente, e bom apenas no preparo de couros . . .*

*Que, pois, Baco me perdoe e o Minho também, por detestar a sua terrível zurrapa. . . ».*

---

(1) Não posso esquecer a solicitude que sempre me dispensou. Devo-lhe, entre mais, a decisiva diligência e o apoio indispensável na instalação do Museu de História da Medicina Maximiano Lemos, na Faculdade de Medicina do Porto.

Para suavizar a impressão dolorosa e pesada que, por certo, vos deixaram estas páginas agrestes de Abel Salazar, oiçamos outras menos duras, talvez mais poéticas, mas certamente mais consoladoras.

Uma, é de Alfredo Guimarães, no seu livro *À borda de água*, do mesmo ano em que Meira escrevia os seus contos de Sherlock Holmes (1).

Dizia então o que hoje é Director ilustre do Museu de Alberto Sampaio, quando cantava o poveiro da Póvoa de Varzim, praia menina dos olhos da gente de Guimarães:

*«Vinde vê-los — vinde ver que se engelham e cansam e sonham!...»*

*Mãos centenárias, já agora pesadas, já inúteis, levaram redes, todavia, criaram filhos e arrancaram às cordas duras e fortes das lanchas!... Vêde-as: gretadas e empedernidas, parece que se quebraram, as mãos vermelhas; que se tornaram estranhas aos próprios corpos que as possuem... Sob o arco da igreja, entanto, o sol descobre, e os velhos clamam, comovidamente:*

— Que estais no céu, santificado seja o vosso nome...

*Ouvem-se choros soturnos... As aves cantam no beiral da capela.*

— ...venha a nós o vosso reino...

*E a campainha agita-se, o povo curva-se, ondula, como uma nova onda que toma embalo para depois subir e rugir. — Santos, santos, santos!...; e as cabeças que de novo se erguem, quase todas iguais, parecem cobertas e barradas da cinza triste de uma lareira morta...*

— Que estais no céu, santificado...

*Vinde vê-los — vinde ver as faces engelhadas, embiocadas de preto, das viúvas; os olhos que se envidraçaram do choro, mortificados. Vinde ver as velhas do povo, gente que lutou e estreou, moças que foram de outro tempo — agora desfiguradas,*

(1) Alfredo Guimarães. *À borda da água*. Lisboa, 1912.

*de cabelo áspero recortado na frente, boca rude e ensopada de cuspo, os pés descalços, a camisa do peito arremendada.*

— S. José de Riba-mar... Senhor do céu... Os barcos, S. José, os barcos!...

*E, na infinita miséria e na infinita tristeza, olhai a raça nómada a empalidecer, a minguar, a recolher-se em si mesma, como o último fogo de um sol, sobre a barreira do mar!...*

E não é bela prosa a de Alberto Braga, mestre do folclore vimaranense e da história das instituições religiosas e municipais da vossa terra? Prosa fresca, suave, clara, aqui a tendes nesta página sua, com que abre as *Tradições de Guimarães* (1):

— «*É na gente do campo, lá onde só se vêem as terras a florir, os casais distantes a fumar, o sol em liberdade espreguiçada e os pardais em desafios de noivado, que a canção do amor tem a pureza sentida do ideal de sonho e realização, e a família é a significativa meada que prende à doadora da vida todos os preceitos de correcção e fidelidade, seguindo num dobar de trabalhos e viver, sempre na mesma linha de canseiras, de costumes e hábitos: o respeito na casa, o sentimento no coração, as almas unidas e os lábios pousados em prece e alegria nas bocas tenras dos filhos.*

*Pelos cachorros das janelas velhas de postigo arrebitem em latas e vasos escavacados, a alfádega, os cravos e os amores, todos os cuidados tenros da mulher que namora...*

*Um espelho pequenino, das feiras, de fechar com tampa de figuras, e um lenço bordado a corações saindo em ponta da algibeira, são todo o capricho do arranjo e disfarce da mulher ervilheira e airosa dos nossos campos.*

*Dentes limpos a salva, cabelos lavados a tormentelo e lustrosos de banha ou óleo de amêndoa*

(1) Alberto Braga. *De Guimarães: Tradições e Usanças populares (Da Terra, do Trabalho, da Mulher, do Amor, do Casamento, da Morte, do Céu, —Vária.)*. Espozende, 1924.

*doce e as roupas cheirando a alfazema e tomilho, são tão engalhosas e desenxovalhadas as moças, que elas não dirão que os homens sejam santos de pau carunchento, carne por fora e pau por dentro, porque afinal, sentir, é ali, no achego da conversa, onde dois corações de simplicidade se entendem pela rudeza franca do falar ».*

Como dois feixes de luz do sol sobre um cômodo de urtigas bravas, estes dois nacos de prosa vimearanense adoçam e humanizam a agrura das páginas de Abel Salazar.

E, agora, para remate deste longo exposto, eu quero falar-vos do maior e mais brilhante dos vossos prosadores, esse que um dia patrocinou, carinhosamente, a minha obscura entrada nas Letras, advogado insigne e cabouqueiro também das glórias desta vossa e nossa Sociedade de Martins Sarmento: Eduardo de Almeida. Do seu romance *Na lama*, às *Almas do Purgatório* <sup>(1)</sup>, aos *Discursos* <sup>(2)</sup> e à *Vida de Sombras* <sup>(3)</sup>, quantas formosas páginas de tersa e portuguesíssima escrita, na forma e no sentido.

Mordida de tragédias e tristezas, na sua obra palpitam dolorosamente dramas e dores sem fim, prescrutados ao fundo, em jeito de observador psicanalista a rebuscar recalcamientos de neuroses e pesados estados de alma.

A bailar sobre tudo, um clarão de lua ou raio de sol, nascentes do character regionalista e tradicionalista de tantos de seus temas e de seus pontos, a alegrarem fugidamente o tom severo do texto. Dos próprios títulos das obras ressuma a sua feição: *Almas do purgatório — Na lama — Vida de sombras — Romagem dos séculos*.

---

<sup>(1)</sup> Eduardo de Almeida. *Almas do Purgatório*. 1920, Guimarães. Pág. 227.

<sup>(2)</sup> Eduardo de Almeida. *Discursos*. 1921, Guimarães.

<sup>(3)</sup> Eduardo de Almeida. *Vida de sombras*. 1929, Guimarães.

Aqui tendes, como preito à sua gloriosa pena de artista prosador, esta página das suas *Almas do Purgatório*:

*Nesse ano (caíra o sábado a vinte e dois) a feira em Guimarães, envolta numa fria luz cinzenta — que toda a noite desabalara chuva, apenas ante-manhã pelo vento amaciada no céu farrusco — trouxe uma foz de gente, estrupitando alegre os tamancos pelas corcovas empedradas a fazer as compras para a ceia da consoada.*

*Maria topara a Caneiros com a Silvina do Fragoso, e viera tagarelando, retardada, quando soube que o irmão desta, pobre zé-ninguém inda há pouco fugido para o Brasil, de surpresa lhe mandava pr'às rabanadas nada menos que uma dúzia de libras a receber inteirinhas — na vila — onde assim chegaram depois da carreira de Braga e da Póvoa, e até da ronqueira caranguejola do Avelino das Taipas, já passante de nove e meia.*

*— Deus, que é tarde!*

*Ao deitar, na véspera, o pai recomendara — «amanhã vais só às mercas, que eu tenho de sair para S. Cláudio a falar com o Custódio Moleiro: preciso de duas táboas de pinho para forrar o teu quarto.*

*E mêxe-te! que eu quero a merenda a horas».*

*De cesta coberta de franjada toalha de linho, de onde sorriam as letras do nome do pai a retrós vermelho, os seios agudos e rijos de morena picando o meio chales de lã violeta, em caneluras, sobre a blusa de fundo verde às pequeninas flores esparsas de amendoeira, os punhos de renda da camisa grossa, côr de neve, afogando as mãos esguias, a saia preta de grande roda e barra de veludo, mulher alta, honesta e forte, Maria corre pelas tendas — «avie-me, por favor».*

Enfim, que vos dizer ainda de outros inesquecíveis cultores das Letras, como o romancista-agricola Mota Prego, cujos livros são do conhecimento geral, com paradigma especial na *Horta de Tomé?* (1). É Mo-

---

(1) Deste, como dos outros autores, já atrás se informou que existem indicações bibliográficas no *Catálogo* mencionado, de A. Braga e M. Cardozo.

reira de Sá, o monumental historiador da Música, autor de tantos livros didácticos, de que todos nos lembramos (Matemática, Francês, etc.)? (1)

E o P.<sup>o</sup> Arlindo da Cunha, historiador da Literatura? E os polígrafos Coronel Ribeiro Vilas, Domingos Leite de Castro ou Mariano Felgueiras?

E tantos outros, inclusos os novos, em que já passam em relevo um Francisco Aldão ou um Mário Saraiva e os colaboradores e mantenedores de revistas literárias e históricas, tais como a *Gil Vicente*, com Alves de Oliveira no leme, infatigável e tenaz?

Sem esquecer, decerto, a figura do velho amigo e ilustre clínico Isaías de Castro, que com as *Penumbbras* se exprimiu novelista de polpa.

#### Minhas Senhoras e meus Senhores:

Disse-vos que o grande arqueólogo Martins Sarmiento fora poeta (2), como todos os portugueses são poetas na idade em que ele escreveu um mo-

(1) Relembro que a meu Pai Luis Augusto de Pina, vimezanense, se devem curiosas notícias históricas de Guimarães, publicadas no *Século*, na última década do século XIX, ilustradas com desenhos seus. Também colaborou e dirigiu jornais políticos. De uma Conferência sua sobre as Campanhas de Angola, em que entrou, realizada na «Sociedade Martins Sarmiento» (1910), transcreveram os jornais locais largo resumo. O seu relatório sobre a *Campanha dos Dembos* foi publicado em 1909 (Julho) pela *Palavra*, do Porto. Em 1939 publicou a *Campanha do Humbe* (ed. «Agência Geral das Colónias»).

Também a meu Tio, José Luís de Pina, se devem alguns estudos arqueológicos sobre a *Penha eneolítica* (vid. II vol. do Boletim da «Associação dos Arqueólogos Portugueses» e «Revista de Guimarães», 1928).

Assim se completa, em parte, o *Catálogo* de A. Braga e M. Cardozo.

(2) É de lembrar aqui o que Camilo Castelo Branco (in *Memórias no Cárcere*, I) diz de Martins Sarmiento, em cuja Casa de Briteiros procurou asilo, quando a esbarragem judicial se açulara contra si, aí por 1860: «Francisco Martins consolava inadvertidamente, contava desgostos incomensuráveis da sua vida, tão em princípio ainda. Entretinha praticando em cousas de literatura amena, que a tem copiosa e variada. O meu quarto estava abastecido de bons livros, em que prelevavam clássicos portugueses, e os mais laureados romances da época».

Antes deste relanço da sua prosa, Camilo dissera: «Não vi onde encostar a cabeça febril, e lembrou-me que ali tinha

desto livro de versos, em 1855, publicado no Porto com o nome de *Poesias*.

Tenho aqui na mão esse livrinho. Foi o primeiro e o último que ele redigiu, no género. O aparecimento destes versos motivou crítica azeda — e injusta, a certo outro versista vimaranense, depois sacerdote, Clemente José de Melo, que foi notável prêgador, abade de Santo Tirso de Prazins.

A crítica de Clemente Melo irritou Martins Sarmento; por razões que bem vos explica Mário Cardozo, o poeta — que havia de ser o maior arqueólogo português — bateu impiedosamente no ardente censor (1).

Depois, Sarmento recolheu todos os exemplares da obrinha, por motivo alheio a essa pendência ocorrida no Toural.

O livro é como tantos, com uma Lélia destinada dos desafogos poéticos: temas de luas e de sofrimento, de saudades e de amarguras, de amores e de lágrimas, de cemitérios e suicídios, num romantismo compreensível. Todavia, são versos bem feitos, os de Sarmento, que se lêem com agrado.

Estas amostras revelam sobejamente o tom romântico do poeta que, como tantos outros, se considerava epidemiaticamente um vencido e um céptico:

Se é isto a vida; nada mais do que isto:  
Ver terra, mar e céu;  
Se é preciso dizer: «já tenho visto»  
«Tenho visto» digo eu.

(pág. 102)

Vivo, se isto é viver, vivo pasmado  
Ante o negro painel do meu futuro,  
Onde me vejo eu mesmo retratado,  
Sem forças para a dor, velho, curvado  
ao pé dum fosso escuro.

(pág. 169)

---

*um conhecido, um poeta, um homem de existência amargurada»; e comenta: «procurei o conhecido, e achei um amigo, como usam raramente ser os irmãos, em Francisco Martins».*

(1) Vid. M. Cardozo. *Um conflito no Toural há 88 anos*. «Revista de Guimarães», 3-4. 1943.

Ouví, tranquilo, praguejar blasfémias,  
Fazer-me velho nas orgias vi;  
Hoje a minh'alma já viver não pode,  
Que a vida, a crença me ficou ali.

(pág. 71)

Não recordarei agora outros, senão aqueles que abrem o volume e que intitulou profeticamente *Guimarães*.

O poeta de 21 anos Martins Sarmiento põe a falar a cidade de Guimarães, por estes termos:

Eu sou o berço vetusto  
do primo Rei Portuguez.

.....

Fui valente entre os mais fortes  
Dos belos o mais gentil;  
Não achei rivais na terra,  
Ao menos um entre mil;  
Dos crentes fui o mais puro;  
Dos guerreiros o mais duro;  
Na paz o mais folgazão;  
Hoje... sem c'rôa, nem cetro,  
Não sou mais que feio espectro  
Das minhas glórias d'então.

Em torno a mim vi surgirem  
Novas cidades do pó;  
Vi enfeitarem-se as velhas,  
Que loucas! metiam dó.  
Eu... velho, de velha usança,  
Não quero mais que a lembrança  
Do que fui, do que vali;  
Português d'antiga raça,  
Não me avilto na desgraça,  
Mandei, sim, nunca pedi.

Martins Sarmiento, cantando o Castelo de Guimarães — hoje belamente restaurado — exclamava:

Só tu, co'essa catadura,  
Podes ser a sepultura  
Do mais velho português

E no fim destas estrofes, onde palpita tanto amor à sua terra e aos seus velhos monumentos, o poeta Martins Sarmiento escreve outros versos que os vimaranenses não devem jamais esquecer, no que eles encerram de paixão ao berço de Portugal e seu berço, de incitamento à eterna conservação do seu glorioso Castelo, torres onde nascera Guimarães!

Castelo de Guimarães, marca insigníffima da cidade prestigiosa e heróica cujo orgulho deve ser sempre tão grande como a vontade e a razão de o ter!

Castelo de Guimarães, primeiro cofre do amor da Pátria, ele aí está à vossa guarda, gente da Vimaranes de Mumadona que lhe pôs a primeira pedra, há mil anos.

Ouvi todos vós, como eu oiço, esses versos do moço poeta que foi Martins Sarmiento, o vosso mais glorioso conferrâneo :

Cerrem-se aí as memórias  
Do vetusto Guimarães ;  
Seja esse o meu livro eterno,  
— Portugal! pouco mais tens! —  
Fulminai com dura guerra  
Quem ousar lançar por terra  
Esse brasão imortal ;  
Esse berço, onde dormira,  
Do infiel sorrindo à ira,  
A infância de Portugal.

Disse.

O Sr. presidente da Sociedade encerrou a Sessão com breves palavras de agradecimento e de elogio do belo trabalho apresentado pelo Sr. Prof. Luís de Pina, manifestando ao Conferencista a sua gratidão pelas expressões amáveis que este lhe dirigira no decorrer da Conferência, palavras tanto mais de agradecer quanto as considerava, sem falsa modéstia, absolutamente imerecidas para os seus insignificantes estudos, e que portanto tinha de considerar dirigidas não a ele, humilde estudioso, mas à Instituição que serve.

## Terceira Conferência

Pelo SR. DOUTOR HUGO DE ALMEIDA

Presidiu o Sr. Presidente da Sociedade, ladeado pelos Snrs. Dr. Castro Ferreira e Dr. Carlos Saraiva, Vereador do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal. Abrindo a Sessão o Sr. Presidente pronunciou as seguintes palavras:

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Não é uma pessoa estranha a esta Casa o Conferencista de hoje. Aqui trabalha, há muitos anos já, como nosso activo Consócio e prestimoso amigo da Colectividade, o ilustre Vimaranesense que vamos ter o prazer de ouvir, Sr. Dr. Hugo de Almeida.

Quis S.<sup>a</sup> Ex.<sup>cia</sup> dar-nos a honra, a convite nosso, de colaborar com a Sociedade Martins Sarmiento nas Comemorações do Centenário da Cidade, pronunciando uma das Conferências da série que nos propusemos realizar no corrente ano.

Vai falar-nos sobre o tema interessantíssimo do Jornalismo vimaranense, dentro do qual o Conferencista se encontra perfeitamente à vontade, dado que de há muito o Sr. Dr. Hugo de Almeida se revelou um dos mais distintos cultores do jornalismo da nossa terra. Está portanto perfeitamente integrado no assunto, e ninguém melhor do que ele nos poderia dar uma rápida síntese do que tem sido a Imprensa vimaranense, em mais de 100 anos de existência, pois data de 1822 o primeiro jornal impresso e publicado em Guimarães.

Durante este período de um século, quantas facetas curiosas e variadas nos oferece o jornalismo vimaranense, reflectindo lutas e antagonismos políticos, correntes de ideias e opiniões, polémicas de toda a ordem, críticas aceradas, discussões literárias ou científicas, propaganda de princípios religiosos ou sociais, humorismo alegre, romanticismo ameno, defesa bairrista do progresso local — em suma, um espelho perfeito da evolução desta terra, em todos os sectores das suas actividades materiais ou espirituais! Perante um campo de lutas e de princípios, tão rico e variado, podemos afirmar que o estudo da história da Imprensa vimaranense constitui o primeiro elemento básico, a mais sólida estrutura para o conhecimento da nossa própria história local, e para a elaboração da verdadeira Monografia de Guimarães, que, apesar do que sobre este assunto se tem escrito, aliás de indiscutível valor subsidiário, ainda está por fazer.

A opulenta Biblioteca pública desta Sociedade, coleccionando, felizmente, a grande maioria dos periódicos que nesta terra têm sido publicados, possui assim um precioso instrumento de trabalho posto à disposição dos investigadores. Para se avaliar da importância desta Colecção, basta dizer que se guarda nas estantes da Biblioteca desta Colectividade para cima de uma centena de periódicos diferentes vimaranenses, não contando as Revistas culturais, tudo magnificamente catalogado pelo nosso consócio e distinto etnógrafo Sr. Alberto Vieira Braga.

Mas é tempo de conceder a palavra ao Sr. Dr. Hugo de Almeida, que nos vai dar, em linhas gerais e incisivas, o panorama da Imprensa periódica vimaranense, nos 100 anos de existência desta magnífica fonte e expressão de Cultura da nossa terra.

Tem V. Ex.<sup>cia</sup> a palavra.

Seguidamente o Conferencista deu início à leitura do seu trabalho:

## Jornalismo Vimaranense — Lição Vibrante de Amor à Terra



Dr. Hugo de Almeida  
*Escritor e Advogado*

Quis a direcção da Sociedade Martins Sarmiento, a que preside o ilustre vimaranense, Snr. Coronel Mário Cardozo, intelectual de alta estirpe, arqueólogo distinto e investigador de probidade inconcussa, ter para comigo a subida gentileza de me convidar a fazer uma palestra sobre jornalismo vimaranense.

Confesso, firmemente contricto, o feio pecado cometido de ter anuído a esse convite. Conto, porém, com a vossa indulgentíssima benevolência.